

ELOS E FLAGELOS NA RELAÇÃO SOCIEDADE-NATUREZA: EM BUSCA DA CONSCIENTIZAÇÃO AMBIENTAL PARA PRESERVAR A VIDA

Luciene Vieira de Arruda¹

Maria Aletheia Stédile Belizário²

Márcio Balbino Cavalcante³

Geisa Karla de Oliveira Borba⁴

Resumo: Neste artigo buscamos analisar os elos e flagelos decorrentes da relação sociedade-natureza e contribuir para um processo de conscientização baseado na sustentabilidade, que permita a preservação da vida no planeta. A pesquisa ocorreu de maneira remota, com 10 perguntas subjetivas, respondidas por 42 pessoas. Os elos que a sociedade estabeleceu com a natureza permitiram a sua ocupação por todo o globo, mas o controle foi perdido quando a natureza passou a ser explorada além de sua capacidade gerando diversos flagelos. A pandemia do novo coronavírus (COVID-19) veio mostrar o quanto a sociedade é vulnerável e dependente da natureza. Por isso precisa despertar para uma nova visão de natureza pondo em prática a política da sustentabilidade ambiental.

Palavras-chave: Meio ambiente; Preservação ambiental; Pandemia.

Abstract: In this article we seek to analyze the links and scourges arising from the society-nature relationship and contribute to a process of awareness based on sustainability, allowing life preservation on planet. Survey took place remotely with 10 subjective questions answered by 42 people. Links established between society and nature allowed its occupation across the globe, but it lost control when nature began to be explored beyond its capacity, generating several scourges. Coronavirus pandemic (COVID-19) has shown how vulnerable and dependent society is. That is why it needs to wake up to a new vision of nature by putting the environmental sustainability policy into practice.

Keywords: Environment; Environmental preservation; Pandemic.

¹ Doutora em Geografia (UFPB); Prof/Geografia/UEPB/CH; E-mail: lucivarruda@gmail.com

² Mestre em Geografia (UECE); Prof/Geografia/UEPB/CH; E-mail: geostedile@gmail.com

³ Aluno do Doutorado em Geografia/PPGG /UFPB; E-mail: marcio-balbino@hotmail.com

⁴ Espec. Educação Ambiental (UNIFIP), Campus Guarabira/PB; E-mail: geoliborba@gmail.com

Introdução

O ano de 2020 iniciou de maneira complicada em nível mundial. Em dezembro de 2019, as notícias vindas do Oriente informavam sobre os primeiros casos de pessoas infectadas por um novo vírus de forte poder de disseminação. Era a SARS-CoV-2, novo coronavírus ou COVID-19, como assim foi reconhecido(a) (BADIOU, 2020). Entre janeiro a março de 2020, o vírus percorreu todos os continentes, passando a ser considerado uma pandemia pela *World Health Organization* ou Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020). Os sistemas de saúde foram colapsando à medida que o contágio e os óbitos aumentavam. A solução imediata encontrada foi propor o isolamento social, modificando a rotina de milhões de pessoas, devido ao medo do contágio do vírus, para o qual ainda não foi descoberto um tratamento específico.

Passados os primeiros sete meses de 2020 em plena pandemia, as estatísticas levantadas pela OMS confirmam que mais de 17 milhões de pessoas já foram infectadas e mais de 600 mil pessoas, ao redor do mundo, já perderam a vida para o novo coronavírus, sendo 90 mil óbitos somente no Brasil, (dados atualizados em 30/07/2020, BRASIL, 2020) mostrando que estamos passando por um dos maiores flagelos na relação sociedade-natureza.

As primeiras pesquisas apontam que o novo coronavírus tem origem em animais silvestres e que a sociedade está cada vez mais vulnerável aos vírus que circulam entre estes, à medida que avança sobre áreas naturais com seus plantios, criação de animais e urbanização (RUIYUN *et al.*, 2020). Tais processos ocorrem sempre em detrimento da cobertura vegetal, do percurso natural dos rios, do relevo e do solo, fatores estes que influenciam diretamente no clima, conseqüentemente, em todas as formas de vida existentes no planeta.

Davis (2020) alerta que o modelo adotado de desenvolvimento econômico atual se constitui em ameaças para os meios: ambiental, social e o próprio econômico. Além disso, provoca a destruição de ecossistemas terrestres e marinhos, com a concomitante perda da biodiversidade devido ao intenso desmatamento. Tais processos afetam o ambiente e sua relação com a sociedade, alterando as condições climáticas, a qualidade de vida e as condições de saúde das populações (SENA *et al.*, 2015).

Para refletir sobre a nossa realidade atual, este artigo parte desta forma equivocada de relação que a sociedade humana vem mantendo com a natureza, identificando os elos (ligação de necessidade dos recursos naturais e suas diversas formas de uso) e os flagelos (resultados adversos dessas formas de uso) decorrentes desta relação. Deste modo, o objetivo principal desta pesquisa é contribuir para um processo de conscientização ambiental baseado na sustentabilidade, que permita a preservação da vida em nosso planeta.

Metodologia

A pesquisa ocorreu de maneira remota, com 10 perguntas subjetivas inseridas no *google forms* e enviadas por *e-mail* e para os grupos de *Whatsapp* contemplando alunos de graduação, pós-graduação e de profissionais das mais diversas áreas totalizando 42 respondentes (participantes), residentes em diferentes cidades dos estados da Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.

Traçamos percepções acerca do momento vivido, sob o método qualitativo, com base fenomenológica e na perspectiva da topofilia, que, segundo Tuan (2012, p. 142) para viver, “*o homem deve ver algum valor em seu mundo [...]. Sua vida está atrelada aos ciclos da natureza; está enraizada no nascimento, crescimento e morte das coisas vivas*”.

As questões destacaram a preocupação do cenário mundial/nacional atual e na pós-pandemia, bem como solicitou sugestões e percepções de novas atitudes a serem adotadas na relação sociedade/natureza, no intuito de compreender melhor a nova realidade mundial e nacional que se apresenta neste momento de pandemia, e refletir sobre qual futuro desejamos construir.

Resultados e discussão

Primeiramente, procuramos saber se, nos pensamentos mais catastróficos sobre o futuro, o respondente (participante) já havia se imaginado na situação em que hoje se encontra o mundo, em meio à pandemia do novo coronavírus.

Neste questionamento, 37 pessoas responderam que nunca imaginaram que isso fosse acontecer. Que até acompanham os noticiários e já leram sobre epidemias, mas viver este momento parece algo bem surreal, cinematográfico. De repente a dinâmica se altera e um vírus com alto poder de contágio conseguiu parar o mundo de todo o mundo, modificando a rotina de casa, do trabalho e da escola, enquanto órgãos de saúde (federal, estadual e municipal) solicitam o isolamento social, para evitar o contato direto, até mesmo com parentes, e orientam sobre os novos protocolos de higiene.

Os respondentes afirmaram que se trata de uma situação atípica e relembrou o pesadelo das duas guerras mundiais (1914 e 1939, respectivamente), que assolaram o mundo no século XX (apesar de não serem nascidos à época), e o poderio nuclear de algumas nações, que aterroriza a sociedade mundial. Compararam a pandemia a um alerta à sociedade, para que se conscientize sobre a sua forma de relação com a natureza, em que a exploração desenfreada tem causado intensos desequilíbrios ambientais, principalmente por causa do aumento populacional no mundo.

Relataram acreditar que a humanidade estaria pronta para qualquer desafio, frente ao que já conseguiu realizar. No entanto, encontra-se vulnerável a um ser microscópico que já destruiu a vida de milhares de pessoas. Retrata que o poder e superioridade de algumas nações referentes ao

conhecimento científico, poder bélico e poder econômico, não tem nenhuma importância quando comparado a uma catástrofe ambiental ou a uma pandemia. Imaginavam que as ameaças à humanidade poderiam vir de desastres naturais ou pela ação antrópica, porém, nunca imaginaram que seria a partir de uma pandemia.

Apenas 4 entrevistados responderam afirmativamente à questão em epígrafe, inclusive imaginando que a terceira guerra mundial poderia ser deflagrada em forma de armas químicas ou de um vírus. Este grupo de pessoas acredita que a sociedade se afastou drasticamente da natureza e fez modificações nos espaços que ameaçam a própria vida no planeta.

Os respondentes compreendem que a crise atual é consequência do nosso próprio impacto sobre a natureza. Historicamente escapamos de cinco epidemias somente nos últimos 20 anos: SARS, MERS, EBOLA, GRIPE AVIÁRIA e SUINA (RIOS-NETO, 2007; RESENDE, 2009). A sexta epidemia (Coronavírus) se tornou semelhante à da gripe espanhola, ocorrida no início do século XX, todas oriundas de patógenos de animais selvagens (RUIYUN *et al.*, 2020).

A principal causa dessas doenças remete à ação humana sobre a natureza (desmatamentos, diminuição dos *habitats* naturais, ampliação de áreas agrícolas, ampliação da atividade pecuária, comercialização de animais vivos em mercados, alimentação com carnes cruas e animais *in natura*), além da fraca estrutura sanitária, principalmente dos países mais pobres (RIOS-NETO, 2007; MOURA, 2012; COSTA; MERCHAN-HAMANN, 2016).

Embora a origem exata desta versão mais recente da família de coronavírus ainda seja controversa, ninguém contesta que o marco zero da pandemia é a cidade chinesa de Wuhan, situada a 1.152 km ao sul da capital, Pequim, e a 839 km a oeste de Xangai, a maior cidade da China e centro financeiro e comercial global (AGUIAR, 2020, p. 66). Clark *et al.* (2020), ao fazerem um estudo sobre os pacientes infectados com COVID-19 em Wuhan, afirmaram que a maioria frequentou o mercado público da cidade, apontando para que o vírus tenha surgido a partir da transferência de patógenos de animais selvagens ou silvestres para animais criados e seus criadores, que os comercializam neste mercado. Além disso, o patógeno é semelhante a um tipo de coronavírus que ocorre entre morcegos e bem diferente daqueles que afetam os humanos.

O segundo questionamento se referiu ao tema sustentabilidade e se os respondentes acreditam que a sociedade mundial/nacional venha a ser sustentável. 33 pessoas responderam positivamente, 07 foram negativas e apenas duas entendem não ser possível a sustentabilidade em sua totalidade.

A maioria das respostas está direcionada à crença na possibilidade de extração de recursos naturais sem causar nenhum prejuízo ou pouco impacto à natureza. Também é possível praticar uma agricultura sem o uso de qualquer tipo de agrotóxicos, a partir da agricultura orgânica. Da mesma

forma, a pecuária poderia ser reinventada, remodelada, procurando organizar pastos associados às áreas florestadas ou áreas agrícolas.

A busca por energias alternativas e renováveis também já é uma realidade, a exemplo da energia solar e eólica. Basta apenas que a ideia seja adotada pelos órgãos governamentais e pelas grandes construtoras em seus projetos de engenharia; que as obras aconteçam por meio de uma equipe interdisciplinar, envolvendo também sociólogos, engenheiros ambientais, geógrafos, biólogos e ecologistas, em busca do equilíbrio ambiental. Será necessário um processo de conscientização para que ocorra uma mudança de atitudes e valores, no sentido de apoiar a indústria comprometida com o meio ambiente e desprezar aquelas que estão na contramão da sustentabilidade. É preciso facilitar para que as próximas gerações possam se adequar ao consumo consciente e ao retorno que será dado à natureza. Destarte, o consumo consciente da água e a diminuição e disposição de lixo, duas das maiores preocupações atuais.

Whately e Capanili (2016, p. 82-85) afirmam que a falta de capacidade de lidar, de maneira estratégica, com a água além da sua poluição e provável escassez, causa o surgimento da maioria das epidemias, a exemplo da Dengue, Chikungunya e Zika vírus, provocados pela picada do mosquito *Aedes aegypti*. Assim, o desafio global é a responsabilidade compartilhada entre governos e setores econômicos (em especial, os de produção de energia e alimentos), cientistas e a sociedade em geral, pois grande parte dos problemas futuros será relacionada à água, seja pela sua escassez ou excesso.

Quanto ao destino dos resíduos sólidos urbanos (RSU) e industriais, a população mundial produz anualmente 1,4 bilhão de toneladas de resíduos, com uma média per capita de 1,2kg/dia (LIMA, 2005). Somente o Brasil gerou 79 milhões de toneladas em 2018, ou seja, 216.629 toneladas/dia, com produção per capita de 1,039kg de lixo/dia ou 380kg/ano (Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais - ABRELPE, 2019). Desse montante gerado em 2018, 92% de resíduos foram coletados, mas 6,3 milhões de toneladas não foram recolhidos junto aos locais de geração. A destinação adequada em aterros sanitários recebeu 59,5% dos resíduos coletados, mas o restante (40,5%) foi despejado em locais inadequados. Soma-se ainda, a incipiência das usinas de reciclagem, que poderiam minimizar a taxa de desemprego, desafogar os lixões e aterros sanitários e atenuar os impactos sobre o meio ambiente e a saúde pública, caso fossem implantadas nos municípios brasileiros, de maneira efetiva. Esta é a realidade de 3.001 dos 5570 municípios brasileiros (ABRELPE, 2019).

Os respondentes acreditam que a sociedade atual ainda precisa percorrer um longo caminho para se tornar sustentável, mas não nos moldes em que estamos habituados, ou seja, sob o sistema capitalista. Corroborando com Guimarães (2001, p 51), é preciso reconhecer que as consequências ecológicas resultantes da maneira como a população utiliza os recursos do planeta estão associadas ao modelo de desenvolvimento vigente, que

configura o “*esgotamento de um estilo de desenvolvimento econômico ecologicamente predador, socialmente perverso, politicamente injusto, culturalmente alienado e eticamente repulsivo*”. Desse modo, torna-se urgente incorporar o marco ecológico nas decisões econômicas e políticas, como sugere Jacobi (2005). Poderíamos, por exemplo, aumentar o uso de energia limpa (até não dependermos mais dos combustíveis fósseis), utilizar à risca a política dos 3R’s, (RECICLAR, REDUZIR, REUSAR) e outras soluções já conhecidas.

Alguns respondentes acreditam que, até o momento, nenhuma cidade é de fato sustentável, mas existe um crescimento dessas políticas em cidades do Japão, Europa, EUA e Canadá. Trata-se de uma pauta que vem ganhando destaque, ao longo dos anos, mas acham que o conceito, em sua essência, não tem condições de ser aplicado com o devido êxito, em sociedades capitalistas, dado o embate político e econômico mundial. É daí que emerge a importância da quebra de paradigmas, da conscientização baseada no desenvolvimento sustentável e da solidariedade e comprometimento entre os povos, para usar os recursos naturais com sabedoria e estimular projetos ambientais, no sentido de suprir as necessidades de produção, consumo e crescimento sem comprometer as bases para a sustentabilidade.

A minoria dos respondentes (07) tem uma visão negativa e compreende que grande parte dos recursos naturais já está se esgotando, enquanto a sociedade mundial avança no desejo consumista, sem reconhecer os limites do planeta. Tal visão corrobora com Giddens (1991; 2012), que associou o fato do ser humano ter perdido o domínio sobre as suas ações na natureza, tornando-se vítima das suas próprias descobertas. O autor afirma que tais ações se assemelham ao carro de Jagrená – uma divindade hindu que conduz um carro que sai atropelando os devotos em cultos místicos. Refere-se ao flagelo que o ser humano causa a si próprio sofrendo as consequências econômicas, sociais e ambientais de seus atos. Adverte que, para acreditar na possibilidade de construção de uma sociedade pautada nos princípios da ética, da justiça social e da sustentabilidade ambiental, é preciso construir uma percepção coletiva acerca desta relação de causa e consequência, de forma que a humanidade possa optar – com clareza e capacidade crítica – pela única alternativa plausível, ou seja, por segurar as “rédeas” do carro de Jagrená.

A terceira questão solicitou aos respondentes uma justificativa sobre a forma de dominação da sociedade sobre a natureza, mesmo sendo esta tão vulnerável às consequências de seus próprios atos. As respostas foram unânimes. Todos consideraram que o ser humano cria as suas próprias crises, desde que passou a compreender a natureza como parte externa de sua existência, como um produto a ser explorado para dar lucro e satisfazer a todas as suas vontades. Citaram a capacidade destrutiva do capitalismo e seus efeitos na sociedade que, na busca de superar seus próprios limites, agrava a problemática ambiental e coloca em risco a sobrevivência humana.

Desse modo, na contramão de seus atos, a sociedade busca encontrar nos direitos uma forma de garantir a sua própria reprodução e sobrevivência, à exemplo da Declaração Universal dos Direitos Humanos que, entre outras coisas, reconhece o direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado como um direito fundamental à vida. Mas, para Saramago (2019) “*na verdade ainda está por nascer o primeiro ser humano desprovido daquela segunda pele a que chamamos de egoísmo, bem mais dura que a outra, que por qualquer coisa sangra*” (SARAMAGO, 2019, p.169).

Em pleno século XXI a sociedade humana ainda é marcada por uma profunda ambiguidade. Apesar da produção tecnológica, da infinidade de bens de consumo criados para o bem estar social, ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, em virtude de suas marcantes ações sobre o meio. A instabilidade ambiental que estamos presenciando é, sem sombra de dúvidas, o maior sinal de ineficiência humana na questão de proporcionar um ambiente de abundância, felicidade, paz, segurança e justiça social, que se configurou como umas das principais promessas da modernidade.

Essa crise de paradigma da modernidade também pode ser explicada como uma dicotomia. De um lado ela se apresenta com um enorme potencial de proporcionar o bem estar social, mas, por outro lado, pode se apresentar como um colapso ambiental. Silva (2015) explica como a interferência na qualidade ambiental afeta diretamente na qualidade de vida, expondo as debilidades que acompanham o modelo desenvolvimentista liberal aparentemente triunfante. Por isso propõe o desenvolvimento sustentável e sugere uma modernização reflexiva pautada nos princípios éticos da justiça social e da sustentabilidade ambiental, onde se construa uma consciência coletiva acerca das causas e consequências que as atividades humanas podem provocar à sociedade como um todo.

Vemos que as nações mais ricas do globo passam a buscar formas de conciliar o desenvolvimento com a proteção ambiental, mas sem perder de vista a lucratividade, utilizando-se da corrente ambientalista para mascarar a necessidade de continuar garantindo a produção e o lucro. Assim, tendem a investir em tecnologias que reduzam o nível de destruição do meio ambiente, simplesmente como uma estratégia de sustentabilidade do próprio capital e não pela consciência da necessidade de preservação dos recursos naturais.

Alguns respondentes acreditam que seja do direito humano (como espécie) usufruir dos recursos naturais, porém, predomina atualmente o uso exacerbado por empresas em busca de lucro e não por sustentabilidade. A resposta dada constantemente pela natureza mostra que, enquanto não houver harmonia, ou seja, enquanto o elo não for respeitado continuaremos enfrentando o flagelo, que torna a sociedade cada vez mais vulnerável.

Desta maneira, o ser humano ultrapassou o limite do seu domínio sobre a natureza e esta, sob constante ameaça, se mostra violenta e ao mesmo tempo vulnerável, enquanto tenta se recuperar dos danos diariamente causados. Assim, sem medir as consequências, a sociedade está sofrendo

com a resposta da própria natureza, que vem emitindo sinais catastróficos de esgotamento e aumentando a situação de flagelo do próprio ser humano, inclusive como vítima de várias zoonoses que resultam em epidemias ou pandemias, a exemplo do coronavírus. Cita-se ainda a praga de gafanhotos e a nuvem de poeira, acontecidas entre os meses de junho e julho/2020, entre a Argentina, Uruguai e Brasil, colocando os produtores rurais em alerta.

Questionados sobre qual mundo desejam para as futuras gerações, todos responderam que querem construir um mundo em equilíbrio entre a sociedade e a natureza; que o futuro forme gerações com mentalidade preservacionista, com empatia e amor ao próximo; que redescubram valores aprendidos ainda crianças no viver de forma simples e saudável; um “mundo respirável” onde o ar seja de fato puro, a água seja potável; que se cultivem árvores frutíferas e aumentem o percentual das unidades de preservação, para que os animais possam continuar a fazer a sua parte da cadeia ecológica.

No que diz respeito às relações sociais, os respondentes desejam que o futuro seja com mais justiça e solidariedade entre os povos; que as próximas gerações necessitam de um mundo sem crime contra a humanidade e a natureza, igualitário e menos capitalista, onde a corrupção a violência, a ganância e o preconceito não mais existam; um mundo saudável, com tecnologia que possa ajudar as populações carentes a viver dignamente e não a aumentar o distanciamento das classes mais abastadas das mais necessitadas; um mundo sem diferença de classes, raça ou religião, sendo as pessoas mais conscientes com suas atitudes. Porém, um mundo melhor depende do tipo de geração que estamos formando. Assim, é preciso reforçar a consciência e a cidadania ambiental baseada no desenvolvimento sustentável e no compromisso com o futuro oferecendo uma educação onde o educando passe a ser o protagonista do conhecimento.

Assim, os respondentes sugeriram que o uso de energia limpa aconteça concomitante à substituição de empresas agressoras do meio ambiente por empresas que se moldem às práticas de sustentabilidade ambiental; que os governos fortaleçam o meio industrial e empresarial a investir em criação de produtos menos poluentes menos tóxicos e mais duradouros; que a indústria do plástico seja realmente extinta da sociedade e que os produtos líquidos e sólidos sejam comprados em refis não descartáveis, para evitar a imensa quantidade de recipientes descartados na natureza. Além disso, que a indústria das fraldas descartáveis e de absorventes íntimos encontre outras opções que diminuam a quantidade de material a ser descartado, como as calcinhas e cuecas reutilizáveis próprias para receber líquidos (urina e fluxo menstrual). Acreditam que, somente com estas práticas, poderemos atingir o verdadeiro ápice tecnológico e moral de nossa espécie.

Desejamos saber como os participantes estão contribuindo positivamente para que o futuro seja mais sustentável e igualitário, ou seja, que os elos sejam garantidos. A maioria reconhece estar contribuindo, porém, se

dispõe a fazer mais. Assim, 30 pessoas afirmaram que possuem conhecimento de várias práticas de sustentabilidade ambiental que poderiam ser comuns no seu cotidiano, mas pecam em não colocá-las em prática e ficam se enganando ao achar que já estão contribuindo com o equilíbrio ambiental pelo simples fato de não jogar lixo no meio da rua, por economizar água e energia e por evitar o desperdício de alimentos. Sabemos que, mesmo com as mudanças para uma relação harmônica entre sociedade e natureza, existem práticas que são difíceis de serem desprendidas, “... os velhos hábitos custam a esquecer, mesmo quando chega um momento em que julgávamos de todos perdidos” (SARAMAGO, 2019, p. 205).

Ocorre que, para garantir a manutenção da vida por mais tempo neste planeta, os esforços devem ser bem maiores. Precisaremos quebrar vários paradigmas, desconstruir muitos conceitos e passar por mudanças mais profundas de comportamento que envolva os três pilares: desenvolvimento econômico; preservação do meio ambiente; e as novas formas de se viver em sociedade. É nesse contexto que, desde 1970, a questão ambiental vem sendo amplamente discutida nas conferências mundiais e nacionais sobre o meio ambiente e que geraram, na virada do século/milênio, vários acordos dedicados ao desenvolvimento sustentável.

Durante a Conferência Rio-92 os 179 países-membros criaram uma agenda para o século XXI, intitulada Objetivos do Desenvolvimento Mundial (ODM), no sentido de minimizar problemas ambientais, econômicos e sociais. No entanto, o objetivo primordial de acabar com a pobreza mundial não foi alcançado, o que levou a Organização das Nações Unidas (ONU) a apresentar uma nova agenda para os próximos 15 anos com a indicação de 17 novos objetivos, conhecidos como Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS), cada um com metas específicas, onde cada país membro deve criar estratégias de como atingir tais objetivos (GARCIA; GARCIA, 2016).

Assim, o comprometimento dos países-membros, incluindo o Brasil, foi, mais uma vez, renovado na Agenda 2030, com a adoção de 17 ODS, incluindo 169 metas e indicadores, no sentido de erradicar a pobreza em todas as suas dimensões (SENA *et al*, 2015; PANORAMA SETORIAL DA INTERNET, 2017). Trata-se de um desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável e as preocupações sobre vegetação, água, seca e saúde são partes importantes desta agenda (ONU, 2015).

A ONU (2015) acredita que os ODS, caso sejam realmente aplicados e entrelaçados na realidade de cada país, poderão transformar o mundo, atuando na: 1. Erradicação da Pobreza; 2. Fome Zero e Agricultura Sustentável; 3. Saúde e Bem-Estar; 4. Educação de Qualidade; 5. Igualdade de Gênero; 6. Água Potável e Saneamento; 7. Energia Acessível e Limpa; 8. Trabalho Decente e Crescimento Econômico; 9. Indústria, Inovação e Infraestrutura; 10. Redução das Desigualdades sociais; 11. Cidades e Comunidades Sustentáveis; 12. Consumo e Produção Responsáveis; 13. Ação

Contra a Mudança Global do Clima; 14. Vida na Água; 15. Vida Terrestre; 16. Paz, Justiça e Instituições Eficazes; 17. Parcerias e Meios de Implementação.

Como conhecedores de tais objetivos, os respondentes acreditam que devemos levar a sério a aplicação dos ODSs. Tudo dependerá da ação conjunta entre sociedade civil, governo, empresas privadas e organizações não-governamentais, para ampliar políticas públicas que priorizem a organização da sociedade no contexto da sustentabilidade ambiental.

A preservação do meio ambiente é reflexo das práticas construídas pelos grupos que vivem e atuam nos espaços. Desse modo, realizar tarefas voltadas para a preservação ambiental em seu cotidiano; se voluntariar em grupos de educação e conscientização ambiental para pôr em prática projetos de reflorestamento, de limpeza de rios, praias e oceanos; evitar o desperdício de água e sempre compartilhar tais práticas com a família, vizinhos e amigos, no sentido de aumentar tais interesses, pode fazer toda a diferença.

Sobre as novas formas de se viver em sociedade, precisamos entender que as relações micro, estão intimamente ligadas ao macro, influenciando, de forma positiva ou negativa, sobre os impactos nos ecossistemas. Assim, uma boa opção para mudar os velhos hábitos é diminuir o consumo de bens e serviços; de roupas, sapatos, acessórios, cosméticos e outros produtos pessoais; fazer o descarte correto do lixo, procurar consumir apenas produtos oriundos da indústria sustentável, proporcionar sobrevida aos seus utensílios e exigir posicionamentos da indústria atual a favor da responsabilidade ambiental.

Nesse contexto, 12 pessoas responderam que conhecem a maioria das práticas econômicas, sociais e ambientais a serem seguidas para que tenhamos a garantia da existência saudável das gerações futuras. Consideram-se mais exigentes e politizados e entendem que, quando cada indivíduo se sente parte do todo e passa a agir para mudar o seu meio, já está contribuindo com a sociedade. Assim, se mostram comprometidos com estas novas mudanças e as utilizam no ambiente de trabalho, no meio familiar e nos espaços públicos.

Os respondentes mais conscientes afirmam que costumam fazer a coleta seletiva do lixo doméstico e os reservam para os catadores, reusam água de lavagem de roupas nos aparelhos sanitários e calçadas, preferem comprar refis de produtos de limpeza para reutilizar o recipiente já adquirido, evitam o superconsumo de bens supérfluos (celular, tvs, móveis, roupas e sapatos) e de descartáveis, fazem consertos e ajustes em algumas peças de roupas para usá-las por mais tempo, costumam doar roupas e sapatos para as pessoas carentes, preparam as suas refeições em porções maiores (arroz, feijão, carnes) para gastar menos gás de cozinha, depois dividem em porções menores para cada dia e congelam, preferem comprar alimentos orgânicos a industrializados, consomem o mínimo de energia elétrica, compartilham as suas ações para que as outras pessoas possam também praticar, participam de grupos de orientação educacional e de

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: 279-300, 2020.

conscientização ambiental como voluntários, costumam plantar árvores, plantas medicinais e cuidar de jardins e mini hortas em casa.

Duas pessoas afirmaram que praticam a sustentabilidade de modo incipiente, mas costumam contribuir financeiramente em projetos ambientais de escolas, organizações governamentais e não governamentais. Acreditam que estes gestos ainda são insignificantes para que aconteça uma mudança mais rápida, mas justificam que ajudam aqueles mais próximos pensando na sociedade global. Acreditam ainda que pequenas atitudes como guardar o lixo em uma lixeirinha pessoal, ao invés de jogar na rua e preservar as boas ações feitas por outros (jardins, ruas e praças públicas) e manter limpos os espaços públicos já são atitudes bem significativas.

Foi sugerido aos participantes que justificassem o motivo das crises (flagelos): econômica, política, climática e da saúde que a sociedade mundial está vivendo atualmente. A maior parte das respostas se referiu aos níveis mundial e nacional e todos os respondentes afirmaram que as crises políticas desencadeiam as outras crises, são frutos de interesses centralizados entre nações, voltados para as minorias, onde a prioridade é gerar lucro em detrimento dos recursos naturais e do bem estar da maioria da sociedade. A soma destes fatores resulta em uma crise global, onde a saúde também é afetada drasticamente.

Os respondentes acreditam que as crises que estamos vivendo são consequências do modo de produção capitalista, que não tem a sustentabilidade como meta, embora os ODSs tenham sido criados exatamente por tais países. Assim, é necessário um planejamento que envolva política, economia, sociedade e natureza para se desenvolver através de um elo, onde o ser humano possa garantir a sua sobrevivência sem prejudicar a futuras gerações (DAVIS, 2020). O Quadro 1 resume a maioria das respostas encontradas.

Quadro 1: Motivo das crises mundiais, segundo os respondentes (participantes).

Crise Econômica	Crise Política	Crise Climática	Crise da Saúde
<ul style="list-style-type: none"> - Política imediatista; - Dano ao meio ambiente; - Aumento das desigualdades sociais; - Capitalismo desenfreado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Corrupção; - Péssima governança; - Irresponsabilidade dos líderes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Agressão à natureza; - Uso de tecnologias não sustentáveis; - Falta de cumprimento de uma agenda ambiental; - Uso exagerado dos recursos naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Insalubridade; - Sucateamento de hospitais; - Falta de recursos financeiros.

Fonte: Pesquisa *online* (google forms), (2020).

Os participantes acreditam que a crise econômica mundial deverá aumentar com o passar da pandemia do novo coronavírus, pois muitos investimentos que foram ou deveriam ser feitos, não terão o retorno neste ano, possibilitando a redução do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Em nível nacional, existe uma guerra de poder e, a reboque, muitos envolvidos

na política procurando se beneficiar da coisa pública, com desvios milionários de recursos.

A crise climática é muito séria também principalmente porque, em nível nacional, estamos sendo governados por negacionistas, que não acreditam nas pesquisas sobre o aquecimento global e, conseqüentemente, não dão a devida importância para os dados científicos, principalmente aqueles referentes às questões ambientais. O clima muda de acordo com nossas ações e só temos a perder com ações equivocadas e enganosas.

A recente crise na saúde afetou todo o globo, tivemos que gastar para obter o mínimo de proteção e informação científica e a política acaba comandando tudo isso. Dadas essas premissas, a atual pandemia funciona como o estopim de uma bomba que, há muito tempo, vinha sendo posta sobre a cabeça de cada ser humano na face da terra. O Brasil, na figura do seu principal governante, já demonstrou a falta de competência para lidar com a presente situação, pois não tem um plano de governo adequado para tal e, sequer, reconhece a seriedade da crise que o mundo está enfrentando.

As riquezas estão concentradas nas mãos de poucos e a política é composta por esses poucos que, por sua vez, não pensam na população e, conseqüentemente, intensificam as crises. Trata-se das atitudes das sociedades atuais que agem sem pensar nas conseqüências; trata-se de uma espécie de ciclo, onde se busca o crescimento econômico a todo custo, e de todas as formas, e não se pensa em implantar políticas públicas que visem o melhoramento do sistema de saúde. Neste sentido, também não se busca proteger ou preservar os recursos naturais.

Solicitamos aos respondentes que listassem as atividades econômicas consideradas prejudiciais ao meio ambiente, bem como aquelas consideradas harmônicas, envolvendo os setores (primário, secundário e terciário), seguidas de suas justificativas. As atividades mais citadas envolvem o setor primário: agronegócio, mineração e agropecuária (Quadros 2 e 3).

Quadro 2: Atividades econômicas prejudiciais ao meio ambiente, segundo os respondentes (participantes).

Atividades Econômicas Prejudiciais ao meio ambiente	Justificativa
- Agricultura comercial, Agronegócio, Monocultura, Agroindústria.	- Exploração desenfreada dos recursos naturais; - Produção excessiva de resíduos; - Contaminação de rios e aquíferos; - Queima de combustíveis fósseis.
- Extrativismo (mineral e vegetal), Garimpo clandestino.	
- Exploração de petróleo e gás natural, perfuração de poços de petróleo em alto mar (pré-sal),	
- Pecuária intensiva.	- Matriz de produção substitui florestas por pastos;

Continua...

...continuação.

Atividades Econômicas Prejudiciais ao meio ambiente	Justificativa
- Industrial dos descartáveis.	- Se utiliza de recursos naturais não renováveis - Poluição do meio ambiente de suas variadas formas; - Interfere no equilíbrio climático; - Contribui para extinção de plantas e animais ainda não estudados.
- Fabricação de automóveis particulares em detrimento dos transportes coletivos.	
- Produção de máquinas e equipamentos.	- Se utiliza de recursos naturais não renováveis - Transformações físicas e químicas geram resíduos.
- Construção civil e geração de energia.	- Indústria poluidora com intenso descarte no meio ambiente sem controle ou cuidado.
- Produção exacerbada de eletroeletrônicos.	- Quanto mais a indústria produz, mais a sociedade compra e aumenta o descarte.
- Intenso comércio varejista. - Produção de descartáveis.	- Demora anos poluindo o meio ambiente. Contribui para a destruição da camada de ozônio.

Fonte: Pesquisa online (google forms), (2020).

Quadro 3: Atividades econômicas harmônicas ao meio ambiente, segundo os respondentes (participantes).

Atividades Econômicas harmônicas ao meio ambiente	Justificativa
- Agricultura familiar - Agroecologia - Agricultura orgânica	- Produzem sem agredir o meio ambiente e sempre de forma cooperada, processos e fertilizantes não agredem o meio ambiente, praticam alternância de cultivos e pousio de áreas agrícolas.
- Atividades extrativistas (frutas, folhas, óleos, cascas, sementes).	- Para o consumo e produção biodegradáveis de cosméticos, chás, produtos de limpeza, sachês. - Não agredem o meio ambiente.
- Pesca artesanal.	- Atividades em harmonia com a natureza que incentivam a logística reversa e utilizam tecnologias sustentáveis para o desenvolvimento dos seus processos produtivos.
- Produção de artigos diversos duráveis que utilizam fontes de energia renováveis	- Contribuem para diminuir o superconsumo; - Não geram resíduos ao meio ambiente.
- Parques eólicos e solares.	- Trabalha com ciclos naturais de produção; - Não geram resíduos ao meio ambiente; - Atividade de grande lucratividade.
- Transportes movidos à energia elétrica, solar ou mecânica.	- Não poluem o meio ambiente; - Diminuição dos gases do efeito estufa - Não geram resíduos ao meio ambiente.
- Reflorestamento.	- Atividade em harmonia com a natureza; - Gera diversos produtos para a indústria; - Fonte de celulose.
- Uso de entulhos e blocos reciclados na Construção civil.	- Diminui os resíduos sobre o meio ambiente.
- Produção alimentícia e farmacológica de cooperativas ecológicas.	- Para o consumo de alimentos desprovidos de agrotóxicos; - Incentivo à homeopatia; - Não agredem o meio ambiente.
- Reaproveitamento do aço e do ferro.	- Diminui a exploração de recursos naturais não renováveis; - Incentiva os processos de reciclagem; - Diminui os resíduos sobre o meio ambiente; - Contribui para a preservação ambiental no setor.

Fonte: Pesquisa online (google forms), (2020).

Assim, para que as atividades prejudiciais ao meio ambiente sejam substituídas por aquelas mais harmônicas é urgente que haja uma transformação social, tendo a Educação Ambiental como a base da mudança. Silvio Tendler no documentário "O veneno está na mesa" (<https://www.youtube.com/watch?v=mlwsVL75m8c>), nos traz uma informação interessante acerca do cenário brasileiro: "40 mil proprietários rurais controlam 40% das terras e elegem 120 deputados federais, já a agricultura familiar com 120 milhões de pessoas elege entre 10 e 12 deputados". Esta representação mostra o quanto os latifundiários têm poder de decisão e subjugam a imensa maioria de pequenos agricultores. Neste sentido, se as formas de uso dos recursos naturais ocorressem respeitando as suas fragilidades, haveria tempo suficiente da natureza se reestruturar.

Solicitamos aos respondentes que listassem algumas atividades econômicas que consideram prejudiciais ao meio ambiente e, por isso mesmo, deveriam ser extintas e substituídas, sem causar desemprego em massa, pensando em um futuro mais harmonizado com a natureza.

05 pessoas não conseguiram responder justificando desconhecer tais atividades; 03 pessoas apenas citaram atividades econômicas que deveriam ser extintas, mas não conseguiram explicar como esses produtos poderiam ser substituídos; 04 pessoas afirmaram que, não necessariamente, precisariam ser extintas, mas deveriam se utilizar de novos materiais e tecnologias modernas, a partir de energias limpas, para permanecer no mercado, sem causar desemprego e, talvez até ampliar as vagas de trabalho. Este último grupo acredita que todas as atividades atuais são importantes, porém, os empresários precisam de bom senso no uso dos recursos naturais.

A grande maioria dos respondentes (30 pessoas) citou várias atividades e como as mesmas poderiam ser substituídas, pensando na qualidade ambiental. As principais atividades citadas foram: indústria dos descartáveis (embalagens plásticas, vidros, isopor, papel, papelão); mineração, comércio madeireiro; pesca industrial; pecuária intensiva e agricultura comercial (Quadro 4).

Quadro 4: Atividades econômicas consideradas prejudiciais ao meio ambiente e sugestões de substituição no contexto da sustentabilidade, segundo os respondentes (participantes).

Atividade atual	Sugestão de substituição	Resultados econômicos, sociais e ambientais
Indústria dos descartáveis (embalagens plásticas, vidros, isopor, papel, papelão)	<ul style="list-style-type: none"> - Fabricação de vidro e papel, ambos recicláveis. - Empresas de pesquisa para descobrir tecnologias sustentáveis a exemplo dos biopolímeros; - Confecção de calcinhas absorventes e fraldas ecológicas, com forro de bambu e microfibras; - Transformar plástico descartado em combustível. - Engenharia utilizando fontes de energias renováveis. 	<ul style="list-style-type: none"> - Diminuição da poluição (ar, solo, rios e mares) e degradação ambiental trazendo mais economia e sustentabilidade para a empresa e para o consumidor. - Plástico tem efeitos tóxicos para o meio ambiente.

Continua...

...continuação.

Atividade atual	Sugestão de substituição	Resultados econômicos, sociais e ambientais
Indústria automotiva e mobilidade urbana	<ul style="list-style-type: none"> - Reinventar todo o comércio automobilístico e de transporte com uso de energia solar, elétrica energia sem fio. - Incentivar o uso de bicicletas, triciclos e motonetas movidas à energia solar ou elétrica; - Incentivar o transporte coletivo sobre o particular. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumenta o rendimento de combustíveis. - Diminuição da poluição (ar, solo, sonora) e degradação ambiental trazendo mais economia e sustentabilidade para a empresa e para o consumidor.
Derivados do petróleo; Combustíveis fósseis, Energia nuclear e hidrelétrica	<ul style="list-style-type: none"> - Energia solar, eólica, etanol, biodiesel. 	<ul style="list-style-type: none"> - Direciona a mão de obra ociosa para a produção de mais álcool e de mais biodiesel;
Comércio madeireiro; serraria clandestina; carvoaria	<ul style="list-style-type: none"> - Extrativismo natural; - Serrarias certificadas e plantio específico para a produção de madeiras. 	<ul style="list-style-type: none"> - Atividades de manutenção de áreas verdes.
Pesca industrial	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de fazendas marinhas de espécies comerciais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Investimento em pequenas empresas regionais e sustentáveis.
Pecuária intensiva	<ul style="list-style-type: none"> - Fortalecer a pecuária orgânica certificada 	<ul style="list-style-type: none"> - Promove a produtividade e reduz os impactos ambientais. - Compensa as emissões de carbono (GEE) e devolver nutrientes à terra.
Agricultura comercial/ agronegócio	<ul style="list-style-type: none"> Agricultura orgânica; Agricultura familiar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Emprega muito mais mão de obra e se relaciona com a natureza de forma pacífica.
Construção civil	<ul style="list-style-type: none"> - Uso de recursos naturais e energias alternativas (placas solares, ventilação natural, telhados ecológicos, iluminação solar, reuso de água, reaproveitamento de restos orgânicos). - Utilizar a lâ de pedra, um produto oriundo da rocha magmática, que se forma depois que a lava esfria e de um produto descartado na produção do aço (escória). 	<ul style="list-style-type: none"> - Tirar maior e melhor proveito para o equilíbrio dos componentes. - A lâ de pedra vem ganhando força entre arquitetos e designers, pois o produto é mais econômico e sustentável. - Evitar a liberação de GEE.
Mineração	<ul style="list-style-type: none"> . Os produtos oriundos da mineração serão substituídos por outros que não sejam tão prejudiciais ao meio ambiente se a construção civil e outros setores também aderirem à sustentabilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transformar antigas áreas de exploração mineral em ambientes de preservação ambiental. - Garantir o crescimento econômico e à melhoria da qualidade de vida de quem trabalha no setor.

Continua...

...continuação.

Atividade atual	Sugestão de substituição	Resultados econômicos, sociais e ambientais
Infraestrutura básica (água, esgoto, coleta de lixo, energia elétrica)	<ul style="list-style-type: none">- Uso de energia solar ou eólica, reuso de água, tratamento de esgoto, coleta seletiva de lixo, energia solar e eólica.- Incentivar a economia de energia, água e produtos descartáveis.	<ul style="list-style-type: none">- Diminuição da poluição (ar, solo, rios e mares) e da degradação ambiental trazendo mais qualidade de vida para todos.
Energia Hidrelétrica	<ul style="list-style-type: none">- Uso de energia solar ou eólica.	<ul style="list-style-type: none">- Redução de agressão e impactos ao meio natural;- Não represamento dos rios em seus cursos.
Mobilidade urbana	<ul style="list-style-type: none">- Incentivar deslocamentos coletivos;- Incentivar o uso de bicicletas e triciclos;- Desacelerar o transporte rodoviário individual.	<ul style="list-style-type: none">- Diminuição do fluxo de veículos;- Redução do consumo de combustíveis poluentes;- Desafogamento da malha viária.
Indústria têxtil	<ul style="list-style-type: none">- Produção de fibras e tecidos reciclados.- Retalhos, reciclagem, refibra, tricô 3D.	<ul style="list-style-type: none">- Reuso da água e sistemas químicos aplicados para devolvê-la com qualidade ao meio ambiente.- Reaproveitamento de diversos materiais, que criam novos tecidos.- Surgimentos de novos mercados.

Fonte: <https://epocanegocios.globo.com/Vida/noticia/2019/03/os-materiais-encontrados-na-natureza-que-podem-substituir-o-plastico.html>; Pesquisa online (google forms), (2020)

As informações contidas no Quadro 4 poderão estar no cotidiano das pessoas se estas se disponibilizarem a fazer substituições simples, a começar por evitar produtos descartáveis utilizados na higiene pessoal, limpeza de ambientes, na alimentação (copos, canudos, talheres e pratos), no vestuário (consumo exagerado), no uso de eletrodomésticos e material escolar ou de escritório por outros reutilizáveis; usar baterias (pilhas) recarregáveis; canetas que só precisam de novo refil de tinta; aparelhos de barbear recarregáveis; comprar alimentos em embalagens maiores e dividi-los em porções menores; comprar frutas e legumes livres de embalagens; aproveitar a criatividade para fazer arte com recipientes e vasilhames de plástico e de vidro, entre outras tantas ideias.

Se a sociedade deixar de comprar produtos descartáveis, as próprias indústrias deixarão de produzi-los e serão obrigadas a se reinventar, tendo que se utilizar de tecnologias que permitam o surgimento de produtos mais harmônicos com o meio ambiente. Assim, a opção será a empresa produzir pensando no presente e no futuro, tendo consciência e responsabilidade quanto ao passado. Deve compreender e assumir todos os prejuízos advindos da poluição e praticar ações de preservação ambiental para minimizar os impactos sobre a natureza. Deve ainda atuar no âmbito social e, ao mesmo

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: 279-300, 2020.

tempo, conseguir gerar soluções empresariais (<https://plima.com.br/negocio-sustentavel/>).

Segundo o levantamento da Corporate Knights (2020) sobre empresas dotadas das melhores práticas de sustentabilidade corporativa no mundo, as companhias norte-americanas constam como as mais numerosas nesta lista. Canadá e França vêm em segundo lugar. Atualmente as empresas *BMW*, *Adidas* e *Johnson & Johnson* lideram no mundo, mas em nível nacional, apenas as empresas Natura e Banco do Brasil fazem parte desta seleta lista, ocupando as posições 61^a e 75^a, respectivamente (<https://www.corporateknights.com>).

A pesquisa também se referiu aos objetivos do desenvolvimento sustentável (ODSs), (tema da 5^a) questão, e se os respondentes acreditam que os ODSs, caso sejam levados em prática, possam criar um mundo mais justo e saudável.

A maioria dos respondentes (participantes) (39) afirmou que os ODSs pregam uma melhor qualidade de vida para todos e que o mundo sustentável é um sonho para uma sociedade ideal, por isso, podem mudar o mundo para melhor. 03 pessoas não acreditam nos ODSs, pois as riquezas atuais são adquiridas de modo injusto e não levam em consideração a sociedade e a natureza; que um mundo sustentável deveria começar por diminuir a distância econômica entre as classes sociais e proporcionar uma vida mais digna para as populações mais pobres do planeta. Basta apenas um pouco de humanidade e desapego, pois não é possível conceber tanta desigualdade social e descaso com a natureza em pleno século XXI.

A pandemia do novo coronavírus, embora tenha atingido a todas as classes sociais, é nas populações mais desassistidas que o flagelo se instala e tem mostrado o quanto é doloroso ver pessoas na miséria, doentes e dependendo de auxílio financeiro ou de um leito de hospital. O mundo seria menos desigual se nos responsabilizássemos, coletivamente, pela qualidade de vida respeitando o meio ambiente, praticando a justiça social, educando com consciência, no sentido de construir um mundo mais saudável mentalmente, fisicamente e espiritualmente.

O último questionamento solicitou sugestões de atividades de Educação Ambiental que deveriam ser inseridas no currículo escolar. Neste quesito todos os respondentes listaram diversas ideias que podem revolucionar a educação e ajudar a criar um futuro melhor, pautado no respeito ao meio ambiente e na produção humanizada (Quadro 5).

Quadro 5: Sugestão de atividades de Educação Ambiental a serem inseridas no currículo escolar, segundo os respondentes (participantes).

Atividades de Educação Ambiental	Resultados
<ul style="list-style-type: none"> - Elaborar e participar de projetos que desenvolva ações ambientais; - Desenvolver atividades práticas, com o uso de produtos recicláveis, na escola (pracinhas, parquinhos, bosques, jardins, hortas, canteiros) - Fazer pesquisas em bairros e ruas da cidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Transformar o educando em protagonista do aprendizado, saindo da condição de ouvinte para elaborador de artes diversas; - Proporcionar uma visão crítica dos educandos; Que desde cedo, aprendam a preservar o meio ambiente em um contexto amplo de tudo que está à sua volta.
<ul style="list-style-type: none"> - Aulas de campo em áreas urbanas e rurais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as riquezas de áreas de preservação; - Aprender na prática em aulas ao ar livre em praças, parques e zoológicos, rios e praias.
<ul style="list-style-type: none"> - Desenhar e pintar murais nas paredes que forem destinadas a estas artes, com alusão ao meio ambiente e ao bom convívio social. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aguçar a capacidade criativa com atividades artesanais envolvendo produtos recicláveis como caixas, vasilhames, madeira e recipientes de plástico, vidro ou papelão.
<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer as melhores formas de economizar água, energia, alimentação, vestuário, material de uso público e material escolar. 	<ul style="list-style-type: none"> - Processo de conscientização ambiental e social - Oportunidade para os alunos cuidarem e assumirem responsabilidade com a natureza.
<ul style="list-style-type: none"> - Praticar a reciclagem de resíduos sólidos, coleta seletiva e compostagem, envolvendo todas as artes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer todo o processo de geração de resíduos sólidos e líquidos e as problemáticas relacionadas às doenças; - Valorizar o que já possui para evitar o consumismo.
<ul style="list-style-type: none"> - Apresentar as datas comemorativas no contexto da criatividade, da crítica e da relação familiar de cada aluno acerca destas datas. 	<ul style="list-style-type: none"> - Considerar as datas comemorativas, que já fazem parte das atividades escolares (carnaval, índio, do trabalho, mães, meio ambiente, professor, crianças, paz mundial, livro, estudante, semana da pátria...).
<ul style="list-style-type: none"> - Orientação de cuidados pessoais com a higiene, alimentação, vestuário, organização de material escolar, pequenos serviços domésticos, hidráulicos, carpintaria, marcenaria. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incentivo a compartilhar serviços domésticos e cuidados pessoais com a higiene; - Aprender a fazer pequenos consertos (carpintaria, vestuário, toalhas, cortinas, tapetes, panos de limpeza, eletrônica, hidráulica, pintura) e renovação de antigos móveis; - Incentivar a customização de peças do vestuário;
<ul style="list-style-type: none"> - Produção de artigos e livros por parte da comunidade estudantil direcionadas às questões ambientais; oficinas, gincanas e feira de ciências. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incentivar a pesquisa, a escrita e a leitura sobre as questões ambientais.
<ul style="list-style-type: none"> - Em escolas públicas proporcionar a participação de alunos para ajudar na preparação do lanche comunitário. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incentivar a cooperação com atividades coletivas e valorizar a preparação de refeições.
<ul style="list-style-type: none"> - Em escolas particulares, incentivar a alimentação correta. 	<ul style="list-style-type: none"> - Incentivar que os alunos se alimentem de produtos naturais e não industrializados.

Continua...

...continuação.

Atividades de Educação Ambiental	Resultados
- Agendar mensalmente um dia para exposição e comercialização ou troca de produtos elaborados pelos alunos.	- Tal atividade daria a oportunidade de alunos comprarem algum trabalho do colega ou, simplesmente, fazer a troca e levarem para si uma lembrança do colega para a vida toda.
- Compartilhar vídeos e promover palestras que abordem criticamente a preservação ambiental e a sua influência na qualidade de vida.	- Convidar pessoas da comunidade ou parentes dos próprios alunos para ministrar palestras ou mini cursos.
- Estudos de Ecologia de forma mais aprofundada no fundamental (anos finais); - Promover feiras de ciências com propostas sustentáveis.	- Conhecer os biomas mundiais e brasileiros, seja em forma de vídeo, filmes ou em aulas de campo, estudo sobre resíduos, reciclagem comunitária, economia solidária, estudo da fauna e flora endêmica.

Fonte: Pesquisa *online* (google forms), (2020).

Diante do que foi exposto, acreditamos que a Educação Ambiental na escola deve ser inserida em todas as etapas e modalidades do ensino, assim como apregoa Souza (2020), que considera a escola um espaço estimulador de ações e práticas para a Educação Ambiental e sustentabilidade local e regional, justamente pelo papel mediador para a construção cidadã e para o comprometimento social de uma coletividade.

Considerações finais

Finalizadas as discussões acerca das respostas obtidas pelos 42 respondentes do questionário elaborado nesta pesquisa, é possível inferir que: 37 nunca imaginaram viver a situação atual; 33 acreditam plenamente em um mundo mais sustentável; todos acham que a sociedade é quem cria as crises, mas todos querem deixar um mundo melhor para as futuras gerações, porém, nem todos sabem como agir; 30 conhecem várias práticas ambientais, mas não as praticam suficientemente; todos acreditam que o sistema capitalista aumentou as crises e destacaram o agronegócio, mineração, agropecuária e indústria dos descartáveis como atividades não sustentáveis; 39 acreditam que os ODSs podem mudar o mundo e todos deram várias sugestões para que a escola se organize no contexto da sustentabilidade ambiental.

Os respondentes acreditam que os elos entre sociedade e natureza contribuíram para a sua proteção e alimentação, mas o controle foi perdido quando a sociedade passou a explorar mais do que a natureza é capaz de ofertar, gerando diversos flagelos, que se concretizam na intensificação dos desastres naturais, nas mudanças climáticas, nos diversos processos de erosão, poluição do ar, dos solos, de rios e mares, no desmatamento acelerado, que invade espaços naturais, desaloja animais selvagens e

silvestres e põe a própria sociedade sujeita aos diversos riscos, entre eles, a sujeição às diversas infecções.

Enquanto a pandemia do novo coronavírus se alastra pelo mundo, milhares de estudos se multiplicam para confirmar ser este mais um dos flagelos que a sociedade terá de suportar devido a sua ação destrutiva e invasora contra a natureza e a sua própria vida. Tais ações nos aproximam de outras epidemias e pandemias e, se não evoluirmos para uma sociedade mais consciente e menos egoísta, não conseguiremos manter a vida no planeta por muito tempo.

Como afirma Carlos (2020, p. 9), “*a pandemia dá visibilidade à produção do conhecimento que vai ganhando centralidade no momento atual, contra a disseminação da ignorância*”. Vem nos mostrar a nossa vulnerabilidade e dependência dos recursos naturais, mas também nos coloca como responsáveis por todos os flagelos que ainda teremos que sofrer.

Ao pensar no futuro, o que vem à mente é que a sociedade necessita de grandes mudanças em seu comportamento e no modo de compreender a verdadeira riqueza humana. Precisa quebrar paradigmas e despertar para uma nova consciência, baseada na sua dependência sobre os recursos naturais e que ponha em prática a política da sustentabilidade ambiental.

Nota: Artigo dedicado aos colegas de profissão, Dr. Carlos Antônio Belarmino Alves (UEPB) e Dr. Antônio Tolrino de Rezende Veras (UFRR), vítimas da COVID-19, falecidos em 22 e 29 de junho de 2020, respectivamente. Gratidão à Amabile Arruda de Souza e Silva e Amanda Arruda de Souza e Silva, pela elaboração do abstract e correções ortográficas.

Referências

ABRELPE. Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2018/2019. **Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais**. São Paulo: Ed. Grappa, 2018.

AGUIAR, S. COVID-19: A doença dos espaços de fluxos, **GEOgraphia**, Niterói, vol: 22, n. 48, p. 51-74, 2020.

BADIOU, A. Sobre a situação epidêmica *In*: DAVIS, M.; HARVEY, D.; ZIBECHI, R.; ZIZEK, S. (orgs.) **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, p. 35-42, 2020.

BRASIL. COE-COVID19/MS. **Boletim Epidemiológico Especial nº 19**. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Atualizado em 30/06/2020, disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>.

CARLOS, A.F.A. A “revolução” no cotidiano invadido pela pandemia. *In*: **COVID-19 e a crise urbana** [recurso eletrônico] / Coordenadora: Ana Fani Alessandri Carlos. São Paulo: FFLCH/USP, p. 10-17, 2020.

Revbea, São Paulo, V. 15, Nº 4: 279-300, 2020.

COSTA, L.M.C.; MERCHAN-HAMANN, E. Pandemias de influenza e a estrutura sanitária brasileira: breve histórico e caracterização dos cenários. **Rev. Pan-Amaz. Saúde**, 7 (1), p. 11-25, 2016.

CLARK A.; JIT, M., WARREN-GASH, C.; GUTHRIE, B. *et al.* Global, regional, and national estimates of the population at increased risk of severe COVID-19 due to underlying health conditions in 2020: a modelling study. **Lancet Glob Health** 2020 Published Online June 15, 2020.

DAVIS, M. A crise do coronavírus é um monstro alimentado pelo capitalismo. *In*: DAVIS, M., HARVEY, D.; ZIBECCHI, R.; ZIZEK, S. (orgs.). **Coronavírus e a luta de classes**. Terra sem Amos: Brasil, p.5-12, 2020.

GARCIA, D.S.S.; GARCIA, H.S. Objetivos de Desenvolvimento do Milênio e as novas perspectivas do desenvolvimento sustentável pela Organização das Nações Unidas. **Revista da Faculdade de Direito da UFRGS**, Porto Alegre, vol. esp., n. 35, p. 192-206, 2016.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. Trad. de Raul Fiker. São Paulo: Edunesp, p. 43-44, 1991.

GIDDENS, A. Risco, confiança e reflexividade. *In*: BECK, U., GIDDENS, A., LASH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. Trad. de Magda Lopes. 2. ed. São Paulo: Edunesp, 2012.

GUIMARÃES, R.P. **A ética da sustentabilidade e a formulação de políticas de desenvolvimento**: o desafio da sustentabilidade. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 43-71, 2001.

JACOBI, P.R. Educação Ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Educação e Pesquisa**. v. 31, n. 2, 17, , p. 233-250, 2005.

LIMA, L.M.Q. **Remediação de lixões municipais** (aplicações da biotecnologia). Hemus. São Paulo, 2005. 280p.

MOURA, A.S. **Endemias e epidemias**: dengue, leishmaniose, febre amarela, influenza, febre maculosa e leptospirose. Belo Horizonte: Nescon/UFMG, 2012. 78p.

ONU. **Agenda 2030**. Setembro 2015. Disponível em: <www.agenda2030.com.br>. Acesso em: 09 jun. 2020.

PANORAMA SETORIAL DA INTERNET. Os 17 objetivos para transformar nosso mundo. Agenda 2030, ano 9, n. 1. abr., p. 1-18, 2017.

SOUZA, F.R.S. Educação Ambiental e sustentabilidade: Uma intervenção emergente na escola. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, São Paulo, vol. 15, N. 3, p. 115-121, 2020.

TENDLER, S. **O veneno está na mesa**. Produção: *Copyright Caliban*, Brasil, 2011 (49 min.). Mídia.

REZENDE, J.M. À sombra do plátano: crônicas de história da medicina [online]. São Paulo: Editora Unifesp. **As grandes epidemias da história**, p. 73-82, 2009.

RIOS-NETO, E.L.G. **Pobreza, migrações e pandemias**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2007, 26p.

RUIYUN, L.; SEM, P.; BIN, C.; YIMENG, S.; TAO, Z.; WAN, Y.; JEFFREY, S. *Substantial undocumented infection facilitates the rapid dissemination of novel coronavirus (SARS-CoV2)*. **Science**, 10.1126/science.abb3221 (2020).

SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 314p.

SENA, A.; FREITAS, C.M.; BARCELLOS, C; RAMALHO, W.; CORVALAN, C. Medindo o invisível: análise dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em populações expostas à seca. **Ciência & Saúde Coletiva**, 21 (3), p. 671-683, 2016.

SILVA, B.A. Uma análise sobre a modernidade reflexiva e a Complexidade ambiental no estado socioambiental de direito para o compromisso do desenvolvimento sustentável. (**Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Direito**. PPG/Dir./UFRGS). Porto Alegre: Ed. Digital, vol. X, n. 2, p. 101-131, 2015.

TUAN, Y.F. **Topofilia**: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012. 342p.

WHATELY, M.; CAPANILI, M. **O Século da escassez**: uma nova cultura de cuidado com a água: impasses e desafios. 1ª ed., São Paulo: Claro Enigma, 2016. 111p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION, **Coronavirus disease (COVID-2019) situation reports**. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/situation-reports/>. Acessado em 30/07/2020.

<https://plima.com.br/negocio-sustentavel/>. Acesso em 16 jun 2020.

<https://www.corporateknights.com/>. Acesso em 20 jun 2020.